



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANA CAROLINA DE SOUZA FERREIRA

**ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA FEMININA: O SABER HISTÓRICO E
AS ESCRITAS NEGRAS NA PERSPECTIVA DO LIVRO REDEMOINHO EM DIA
QUENTE - JARID ARRAES**

**CAMPINA GRANDE
2023**

ANA CAROLINA DE SOUZA FERREIRA

ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA FEMININA: O SABER HISTÓRICO E AS ESCRITAS NEGRAS NA PERSPECTIVA DO LIVRO REDEMOINHO EM DIA QUENTE - JARID ARRAES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383e Ferreira, Ana Carolina de Souza.

Ensino de história e a literatura feminina [manuscrito] : o saber histórico e as escritas negras na perspectiva do livro Redemoinho em dia quente - Jarid Arraes / Ana Carolina de Souza Ferreira. - 2023.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Ensino de história. 2. Literatura feminina. 3. Narrativas negras. 4. Sujeitos sociais. I. Título

21. ed. CDD 372.89

ANA CAROLINA DE SOUZA FERREIRA

ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA FEMININA: O SABER
HISTÓRICO E AS ESCRITAS NEGRAS NA PERSPECTIVA DO LIVRO
REDEMOINHO EM DIA QUENTE - JARID ARRAES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
Departamento do Curso História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em História.

Área de concentração: Ensino de
História.

Aprovada em: 30/11/2023.

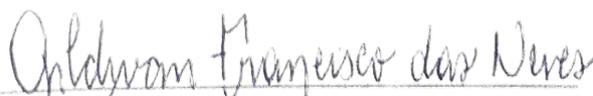
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 13/12/2023 22:31:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Gildivan Francisco das Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tenho apenas duas mãos e o sentimento
do mundo

Carlos Drummond de Andrade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A MULHER NEGRA AFRO-BRASILEIRA E SUA ESCRITA LITERÁRIA: PERCURSOS	8
3 COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS FEMININAS A PARTIR DAS ESCRITAS NEGRAS	14
4 ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DAS NARRATIVAS NEGRAS FEMININA....	18
5 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22
AGRADECIMENTOS	24

ENSINO DE HISTÓRIA E A LITERATURA FEMININA: O SABER HISTÓRICO E AS ESCRITAS NEGRAS NA PERSPECTIVA DO LIVRO REDEMOINHO EM DIA QUENTE - JARID ARRAES

Ana Carolina de Souza Ferreira¹

RESUMO

Neste estudo, iremos analisar a formação educacional histórica por meio das narrativas contemporâneas de escritoras negras, concentrando-nos no conto "Sacola" do livro "Redemoinho em Dia Quente" de Jarid Arraes. Esta obra, composta por vários contos que abordam o cotidiano público e privado de mulheres brasileiras diversas, apresenta uma narrativa feminina que se distancia dos padrões estabelecidos e desafia expectativas. O propósito desta pesquisa é compreender como a escritora negra afro-brasileira, aborda as experiências cotidianas dos sujeitos sociais e contribui para a formação histórica educacional. Pretendemos analisar, a partir da obra "Redemoinho em Dia Quente", as potencialidades educativas e formativas dessa produção literária no ensino de história. Adicionalmente, abordaremos o papel da literatura produzida por mulheres negras e afro-brasileiras, no âmbito do ensino de história em sala de aula, destacando a relevância educativa dessa produção literária no diálogo com a história e seu impacto na formação histórica escolar, principalmente nas discussões de temáticas sociais. Esta pesquisa tem uma abordagem bibliográfica, baseando-se teoricamente em autores como D'Adesky (2021), Pesavento (2012), Caetano (2017) Hooks (2015) e Libanê (2013). Metodologicamente, faremos uso de fontes bibliográficas e documentais para fundamentar a análise proposta, visando contribuir com novas reflexões sobre a literatura produzida por mulheres negras na contemporaneidade. Nosso objetivo é promover a inclusão dessas obras do cenário marginal para o centro das discussões, incentivando sua leitura e estudo em ambientes educacionais, especialmente no contexto do ensino de história.

Palavras-Chave: ensino de história; literatura feminina; narrativas negras, Sujeitos sociais

ABSTRACT

In this study, we will analyze the historical educational background through the contemporary narratives of black writers, focusing on the short story "Sacola" from the book "Redemoinho em Dia Quente" by Jarid Arraes. This work, composed of several short stories that address the public and private daily lives of diverse Brazilian women, presents a female narrative that distances itself from the established standards and challenges expectations. The purpose of this research is to understand how the Afro-Brazilian black writer approaches the daily experiences of social subjects and contributes to the historical educational formation. We intend to analyze, from the work "Redemoinho em Dia Quente", the educational and formative potentialities of this literary production in the teaching of history. In addition, we will address the role of literature produced by black and Afro-Brazilian women in the

¹ Graduação em história pela Universidade Estadual da Paraíba UEPB.

context of the teaching of history in the classroom, highlighting the educational relevance of this literary production in the dialogue with history and its impact on school historical formation, especially in discussions of social themes. This research has a bibliographic approach, theoretically based on authors such as D'Adesky (2021), Pesavento (2012) Caetano (2017) and Hooks (2015). Methodologically, we will make use of bibliographic and documentary sources to support the proposed analysis, aiming to contribute to new reflections on the literature produced by black women in contemporary times. Our goal is to promote the inclusion of these works from the marginal scenario to the center of discussions, encouraging their reading and study in educational environments, especially in the context of history teaching.

Keywords: history teaching; women's literature; black narratives; social subjects

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está ligada à produção literária da escritora negra Jarid Arraes, que tem como título “Redemoinho em dia quente”. É a partir dessa obra literária que trarei a temática do conto Sacola, como proposta para ser trabalhada dentro da disciplina de história, mostrando a importância de ensinar história a partir do diálogo com a literatura de escrita feminina negra na abordagem do tema.

O objetivo desta pesquisa é compreender como a escritora negra afro-brasileira, Jarid Arraes, discute o cotidiano das experiências dos sujeitos sociais e contribui na formação histórica de educandos e a maneira como podemos utilizar os escritos da autora para discutir o lugar da literatura de produção feminina negra e afro-brasileira no contexto do ensino de história na sala, assim como analisar a partir da obra redemoinho em dia quente de Arraes, as possibilidades educativas e formativas desta produção literária mostrando a relevância educativa da literatura produzida por mulheres negras e seu diálogo com a história.

Este trabalho partiu com o intuito de unificação da história com a literatura, justamente pela abordagem de um contexto de ensino que se diferencia. Entre as minhas experiências como residente do programa de residência pedagógica em história, pude acompanhar e perceber a ausência de autoras negras e de suas próprias escritas para descrever o cotidiano de pessoas negras dentro das bibliografias usadas para as aulas. Em minhas pesquisas como bolsista do projeto de extensão (Educa) ação das Juventudes, pude trabalhar o contexto de racismo, do próprio feminismo, minorias e estando em contato com alunos africanos que estiveram presentes em nossas pesquisas, me partiu a inquietude de trabalhar o contexto do negro por vozes de mulheres negras, que retratam o cotidiano de suas vidas.

Jarid, por ser uma mulher negra, nordestina, autora brasileira, escreve a mulher negra pelo viés literário. Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri do estado do Ceará e de nome não conhecido no contexto de ensino de história, fez despertar o interesse de associar e trazer a literatura para dentro do campo da história e assim, através dela discutir diversos conceitos históricos, culturais, religiosos e sociais dentro da história.

Partindo deste contexto, propomos como referencial teórico nesta pesquisa, o campo temático que dialoga com a literatura, Cultura e o ensino de história a partir das concepções de Bittencourt (2018), Gadotti (2003), Libâneo (2006) Pesavento

(2012), Caetano (2017) Arraes (2019), Hooks (2015), utilizando suas pesquisas e narrativas para dar evidência e embasar a minha pesquisa, no qual pensou-se na visibilidade tendo em vista que o contexto, mesmo tendo uma narrativa conhecida e de diversas lutas, ainda sim, enfrenta grandes relutâncias e invisibilidade.

Metodologicamente este trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa:

A pesquisa qualitativa parte da abordagem de cunho qualitativo e trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. (Oliveira, 2011, p. 24).

Assim como o conceito de pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e 10 é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. (Oliveira, 2011, p. 40).

Entretanto, a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. (Piana, 2009, p.122). Este artigo está organizado em três seções, na primeira sessão intitulada: A MULHER NEGRA AFRO-BRASILEIRA E SUA ESCRITA LITERÁRIA: PERCURSOS, faz um breve relato sobre a condição social da mulher negra a partir da literatura feminina escrita por mulheres negras. Na segunda sessão intitulada: COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS FEMININAS A PARTIR DAS ESCRITAS NEGRAS, aborda questionamentos nas relações de gênero, e a condição de supremacia atrelado às escritas negras e por fim e em nossa terceira sessão: ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DAS NARRATIVAS NEGRAS FEMININA, discute à educação e ao ensino de história por meio das narrativas negras presentes na obra "Redemoinho em Dia Quente". Abordaremos o contexto escolar, o sistema educacional e o ensino de história, utilizando o conto "Sacola" como veículo para explorar as subjetividades.

2 A MULHER NEGRA AFRO-BRASILEIRA E SUA ESCRITA LITERÁRIA: PERCURSOS

Nesta seção faremos um breve relato da condição social da mulher negra no Brasil, sobretudo, no pós-abolição e como a partir desse contexto estas mulheres encontraram inúmeros desafios, tanto do ponto de vista social como do ponto de vista do reconhecimento de sua identidade étnica. Nesse sentido, nossa proposta é pensar o lugar da mulher negra a partir da escrita literária e como a literatura produzida por feminina negra, representou o lugar social e étnico dessas sujeitas históricas.

Ressaltaremos também o percurso do movimento social feminista no Brasil, e a partir dele discutiremos sobre a ação e as pautas do movimento feminista negro, trazendo a perspectiva interseccional na nossa abordagem. Realizaremos uma breve análise sobre o contexto social feminino em meados do século XIX. Momento em

que as mulheres enfrentavam diversas restrições sociais e legais que limitavam sua participação na sociedade. Elas eram geralmente designadas a papéis domésticos, sem acesso à educação formal e com poucas oportunidades de trabalho além do ambiente familiar.

No contexto da revolução industrial, muitas mulheres foram empregadas nas fábricas e indústrias, principalmente na área têxtil. Essas trabalhadoras enfrentam longas jornadas de trabalho, além das difíceis condições de vida com salários baixos e falta de direitos básicos. Essas condições precárias levaram ao surgimento do movimento das mulheres operárias, que buscava melhorias trabalhistas e direitos iguais para as mulheres em seu local de trabalho, assim como as sufragistas, estas que eram mulheres letradas e que pertenciam às classes média e alta, por sua vez enfrentaram grandes desafios e resistência da sociedade da época.

Buscavam acabar com a ideia de que as mulheres eram inferiores e não tinham capacidade para participar do processo político, formando assim, o que se caracteriza pelo movimento feminista no mundo.

No início do século XX, houve um crescimento dos movimentos feministas no Brasil, não tão distante das lutas que já haviam sido desencadeadas pelo ocidente, e ao longo de suas três fases distintas, as reivindicações, as lutas e os discursos estiveram alinhados com as mesmas aspirações, em sintonia com o contexto global de batalhas pelos direitos das mulheres. As mulheres brasileiras também buscavam maior participação política, igualdade de direitos e melhores condições de vida.

O movimento se expandiu e passou a abranger questões políticas, como o direito ao voto e a participação das mulheres na vida pública, como também abriu caminhos para discussões que incluem questões como a liberdade de reprodução, o direito ao aborto, o combate à violência de gênero, a igualdade no acesso à educação, à saúde, e a desconstrução dos papéis de gênero e a representatividade das mulheres em diferentes esferas da sociedade e empregatícias.

Quando, no processo de afirmação do movimento feminista, as discussões levantadas sobre gênero, fizeram com que este se dissociasse do sexo para afirmar o caráter cultural do significado atribuído aos homens e as mulheres nas sociedades, isto reforçou a desbiologização² e a desnaturalização na constituição do sujeito “mulheres”. Questionou, com isso, uma série de atribuições do sexo feminino, como a maternidade e a divisão sexual do trabalho. (MARTINS, 2015 p. 241).

Desse modo, o movimento feminista conquistou avanços significativos na desconstrução dessas amarras sociais. Houve uma maior diversidade de representações do corpo feminino nos discursos, promovendo a aceitação da variedade de formas, tamanhos e cores do corpo feminino. A luta contra a objetificação e a sexualização excessiva também se tornou uma parte central do movimento feminista.

No entanto, é importante ressaltar que as lutas e desafios relacionados ao corpo feminino ainda persistem. A sociedade continua a impor padrões de beleza irreais e a promover ideais inatingíveis, o que afeta a autoestima e a saúde mental das mulheres. A misoginia e o sexismo também continuam a influenciar a maneira como o corpo feminino é percebido e tratado.

Pensar a complexidade e infinidade feminina em pequenos leques já não se tornara suficiente, isso porque o movimento feminista se desenvolveu ao longo do tempo, se expandindo para além de uma visão das experiências e identidades das

² O termo desbiologização da paternidade, foi primeiramente utilizado por João Baptista Villela, caracteriza a relação entre pais e filho que não têm vínculo biológico, consanguíneo.

<https://www.jusbrasil.com.br/>

mulheres. À medida que o movimento ampliou suas pautas, é importante que os questionamentos também se tornem mais abrangentes e inclusivos.

Durante a década de 70, do século XX, houve uma conscientização crescente sobre a importância de discutir o lugar das mulheres dentro do próprio movimento feminista. Essa reflexão levou à inclusão das vozes e perspectivas de diferentes grupos e classes de mulheres, reconhecendo as interseções entre gênero, raça, classe e outras identidades.

As mulheres negras enfrentam uma interseção de discriminação racial e de gênero, o que levou a uma experiência única de opressão. Além de lidar com o sexismo e a desigualdade de gênero, elas também sofrem com o racismo estrutural e a discriminação racial. Isso se reflete em diversas áreas de suas vidas, como acesso limitado à educação de qualidade, oportunidades de emprego, cuidados de saúde adequados.

Observa-se que o feminismo negro avançou especialmente a partir da década de 1970, em contraponto a compreensão de sujeito coletivo generalizado da “mulher” estabelecido pelo feminismo tradicional. Tal movimento buscou problematizar as experiências que dariam a origem a esse sujeito coletivo, considerando que essa entidade genérica não as representava, e que o movimento não integrava as suas questões. Deste modo, a conjugação entre classe, gênero e raça é adotada com um enfoque neste último marcador, a fim de se estabelecer novos paradigmas para a percepção da posição da mulher no seio da sociedade. (Caetano, 2017. p. 13).

O feminismo negro buscou demonstrar que o feminismo tradicional tratava como padrão o conjunto de experiências de uma determinada categoria de mulheres, quais sejam, brancas, heterossexuais e de classe média, desconsiderando a realidade de quaisquer outros subgrupos que nele não estivesse encaixado, em uma organização vertical, de cima para baixo, do movimento feminista. (Caetano, 2017. p 13).

Dentro do movimento feminista, as questões sociais são ponderadas de maneira semelhante, porque há um reconhecimento compartilhado de que as desigualdades de gênero estão interligadas com outros aspectos do sistema social. Compreende-se que as discriminações baseadas no gênero estão entrelaçadas com questões como; classe, raça, orientação sexual e outras formas de opressão, mas as mulheres negras enfrentam uma complexidade mais abrangente. Suas lutas incluem a luta contra o racismo, o sexismo e a pobreza. Assim como fala Caetano (2017) atualmente, a interseccionalidade é considerada a mais importante contribuição para os estudos de gênero, e se tornou a “regra de ouro” da análise das experiências de identidade e opressão.

Apesar do reconhecimento e respeito generalizados que a teoria dos estudos interseccionais recebe, existem desafios, esses como o reconhecimento da identidade e a opressão, conceituam e contradizem significativas que muitas vezes são subestimados, isso porque embora a "mulher negra" seja uma parte importante da discussão nos estudos interseccionais, a dependência excessiva dessa figura pode levar a uma falta de representação e compreensão de outras experiências de discriminação e desigualdade. Portanto, pode ser necessário ampliar o escopo dos estudos interseccionais, para incluir uma gama mais ampla de perspectivas e experiências, a fim de obter uma compreensão mais completa e precisa das dinâmicas sociais e das lutas enfrentadas por pessoas de diferentes identidades.

Essa estrutura notável dentro do movimento feminista, em que as mulheres brancas muitas vezes ocupam posições de destaque e poder, enquanto as mulheres

negras e de outras minorias étnico-raciais são deixadas à margem, é uma questão que precisa ser enfrentada e desconstruída. Para avançar em direção a um feminismo interseccional e inclusivo, é necessário reconhecer os privilégios e as desigualdades existentes, dar espaço e visibilidade às vozes das mulheres marginalizadas e trabalhar em conjunto para desafiar e transformar as estruturas de poder opressivas.

Não há dúvida de que são sujeitos interseccionais, os grupos que têm suas demandas invisibilizadas quando estas são analisadas sob a ótica isolada dos vetores de discriminação, já que o feminismo interseccional, tem como principal foco, as mulheres negras, considerando que este seja o grupo mais oprimido por ser o mais sobrecarregado de marcadores de opressão. (Caetano, 2017, p. 20).

O feminismo negro surgiu como uma vertente importante dentro do movimento feminista brasileiro, buscando dar visibilidade às experiências das mulheres negras, que enfrentam a interseção do racismo e do machismo, até mesmo dentro do próprio movimento feminista. Pauta-se dentro do movimento no país, questões como; o combate ao racismo estrutural, a valorização da cultura afro-brasileira, a luta contra a violência racial e de gênero, a ampliação das oportunidades de acesso à educação e ao trabalho para as mulheres negras.

Desse modo, a perspectiva interseccional segue sendo fundamental para compreender e enfrentar as múltiplas formas de opressão e discriminação que afetam as mulheres afro-brasileiras. A conduta de modo racista, até mesmo dentro do movimento, vem fomentada por raízes escravistas. A mulher negra no pós-abolição e nos dias de hoje enfrentou e ainda enfrenta diversos desafios resultantes de uma estrutura social marcada pelo racismo e pela desigualdade racial. É importante destacar que a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, não foi suficiente para garantir a igualdade de direitos e oportunidades para as mulheres negras. Assim como aponta D'Á de sky (2021), no período pós-abolição, ser mulher negra ou de baixa renda significava não ter acesso à educação formal, logo a divisão social do trabalho reservou a essas mulheres um lugar de extrema invisibilidade. As mulheres negras do pós-abolição viveram dentro de estigmas sociais, aqueles os quais as colocaram como marginalizadas e excluídas do mercado de trabalho formal sendo forçadas a trabalhar em empregos precários, como lavadeiras, domésticas e vendedoras ambulantes, enfrentando condições de exploração e baixos salários, sofreram discriminação em diferentes esferas da sociedade.

Eram frequentemente associadas a estereótipos negativos, como a imagem da "mulata" hipersexualidade, o que levava à objetificação e à violência sexual, além da dificuldade de acesso à educação formal, que era negada às mulheres negras no período pós-abolição. A falta de oportunidades educacionais dificultava sua mobilidade social e limitava suas perspectivas de emprego e participação política.

A medida em que se observa o lugar da mulher negra nos pós-abolicionismo, nos damos conta que muito pouco foi mudado, se analisarmos a perspectiva da vida da mulher negra, hoje, vemos que: a mulher negra ainda enfrenta o racismo estrutural arraigado na sociedade, é alvo de discriminação racial em várias áreas, como emprego, educação, saúde e sistema de justiça. Isso se manifesta com salários mais baixos, dificuldade de ascensão profissional, estereótipos negativos e maior vulnerabilidade à violência.

As mulheres negras enfrentam altos índices de violência de gênero, incluindo feminicídio, agressão física e violência sexual, muitas vezes enfrentam múltiplas formas de opressão, decorrentes do racismo e do machismo. A representatividade

das mulheres negras em espaços de poder, mídia e tomada de decisão ainda é limitada, o que dificulta a quebra de estereótipos e a ampliação de oportunidades.

É nesse cenário que elas enfrentam obstáculos significativos no reconhecimento de sua identidade étnica. Em muitos contextos, há uma tendência a apagar a contribuição das mulheres negras para a sociedade, a cultura e a história. Suas vozes e experiências são frequentemente marginalizadas ou negligenciadas nos espaços públicos e nos discursos dominantes. Além disso, a representação inadequada ou estereotipada das mulheres negras na mídia e na cultura popular contribui para a falta de reconhecimento e valorização de sua identidade.

Pensando em um contexto de lugar, o lugar da mulher negra em tese, faremos uma abordagem dentro de um enredo literário. A literatura produzida por mulheres negras, tem sido uma forma de resistência e de reafirmação de suas vozes e identidades, enfrentando as estruturas de opressão e marginalização que historicamente afetaram.

Assim como as próprias obras que embalam suas histórias trazendo personagens negros e marginalizados, como afirma D'Adesky (2021), a construção de personagens socialmente marginalizados na literatura brasileira tem sido objeto de diversos estudos nas últimas décadas, seja pela tentativa de desconstrução do viés ideológico determinista decorrente de teorias eugenistas.

No contexto brasileiro, por exemplo, diversas autoras, dando ênfase a autora Jarid Arraes, e a própria Conceição Evaristo tem contribuído significativamente para a representação e compreensão da mulher negra na literatura, nas quais abordam a experiência cotidiana, as relações familiares, a violência, a discriminação racial e as lutas por justiça e igualdade.

Ao retratar o lugar da mulher negra em suas obras, muitas escritoras negras exploram a complexidade de suas identidades e oferecem uma perspectiva única e autêntica sobre suas vivências. Elas desafiam as narrativas eurocêntricas e masculinas que tendem a excluir as vozes das mulheres negras, redefinindo os espaços literários e proporcionando representações positivas e empoderadas, em que compartilham suas histórias pessoais e coletivas, revelando as lutas, as conquistas, as alegrias e as dores de suas vidas, trazendo à tona questões de raça, gênero, classe e sexualidade, desafiando os estereótipos e preconceitos arraigados que moldaram as percepções sobre as mulheres negras ao longo do tempo.

Neste sentido, Pinho (2021), ressalta que, em termos da literatura escrita por pessoas negras, a literatura negra é aquela em que há referência racial negra, porém, esta não é a única característica para conceituar esta literatura. (Evaristo, 1995, p. 2). Além disso, a literatura produzida por mulheres negras tem o poder de empoderar outras mulheres negras, ao oferecer representações positivas, formas de resistência e narrativas que se conectam com suas próprias experiências. Essa representatividade é essencial para fortalecer a autoestima, a identidade e a consciência coletiva das mulheres negras, além de contribuir para a transformação social e a luta por igualdade.

É válido ressaltar que não existe uma única perspectiva ou experiência da mulher negra na literatura, pois como em qualquer grupo social, as mulheres negras são diversas em termos de suas vivências, identidades e histórias individuais, justamente para que haja espaço de pluralidade de vozes e narrativas dentro da literatura, com o propósito de não fazer generalizações e permitir a representação plena e autêntica das experiências das mulheres negras.

Além disso, a escrita literária de mulheres negras desafia os leitores em geral a questionarem seus próprios preconceitos e a refletirem sobre a complexidade das

experiências humanas. Elas oferecem narrativas ricas e diversas que ampliam os horizontes e convidam à empatia e à compreensão mútua. Dito isso, a literatura produzida por mulheres negras desempenha um papel crucial na redefinição do lugar social e étnico dessas sujeitas históricas. Ela desafia estereótipos, rompe silêncios e proporciona uma expressão de suas vozes, permitindo que sejam ouvidas, valorizadas e celebradas.

Com isso, o movimento feminista negro na literatura contribui para a desconstrução de estereótipos negativos associados à imagem da mulher negra, promovendo uma visão mais complexa, inclusiva e humanizada, o que ajuda a reconstruir a autoestima e o orgulho das mulheres negras. Ao mesmo tempo em que desafiam as estruturas de poder e promovem a equidade de gênero e racial, nos convidando a refletir, questionar e reconstruir um mundo mais justo, onde as vozes e as histórias das mulheres negras sejam valorizadas e amplificadas.

O que se tornou um poderoso instrumento de resistência, libertação e construção de identidade, ao mesmo tempo em que contribui para a promoção da igualdade de gênero e para o fortalecimento do movimento feminista negro, revelando as nuances das vivências das mulheres negras. Do mesmo modo, que o feminismo negro contribuiu para o fortalecimento e deu visibilidade à mulher negra em sociedade, o contexto cultural ressalta diversas nuances para a compreensão social. Levando em consideração o Brasil, que traz uma rica diversidade cultural e étnica, mostrando a importância da cultura para entender a sociedade brasileira como um todo.

Compreendemos de fato que logo, a cultura é vista como uma produção social e histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas (Pesavento, 2006, p. 46). Isso porque, o Brasil é um país formado por diversos povos sendo eles indígenas, europeus, africanos e imigrantes de várias partes do mundo. Essa diversidade étnica e racial influenciou profundamente a cultura brasileira, desde a comida até a música, a religião e as tradições. O país também possui uma grande variedade de religiões, incluindo o cristianismo, o candomblé, a umbanda e outras crenças entre diversos grupos e seus povos.

Pesavento (2006), nos mostra que traços culturais se movem por entre os grupos, as camadas ou as classes sociais, permitindo reelaborações contínuas, o que torna mais instigante a análise do passado, vendo o reaproveitamento e a reapropriação dos mesmos valores, que perpassam o tecido do social, em novas criações de sentido. O que se faz perceber as diversas representações culturais que se desenvolvem em diversos contextos, assim como as sensibilidades, a própria representação, o imaginário, as temporalidades e a realidade dentro da sociedade.

Neste sentido, buscamos compreender o lugar social da mulher negra dentro do espaço cultural a qual ela está inserida, fazendo uso da escrita literária como forma de compreensão e da consciência coletiva e individual dos grupos sociais. A análise da cultura e suas representações no campo da literatura, especialmente quando se trata da escrita feminina de autoria negra, pode fornecer uma perspectiva valiosa para entender e discutir a história das práticas educativas culturais, bem como aspectos históricos e sociais em sua amplitude.

A literatura escrita por mulheres negras frequentemente destaca as vozes e experiências que historicamente foram marginalizadas ou apagadas, já em um conceito de desconstrução essa literatura negra muitas vezes desafia e desconstrói estereótipos prejudiciais relacionados à raça, gênero e classe social. Isso contribui para a educação cultural, reconstruindo preceitos e auxiliando na compreensão das identidades negras femininas.

Ao explorar o contexto sociocultural elaborado por mulheres negras, adentramos nas complexas realidades sociais e culturais contemporâneas, abordando questões que incluem, mas não se limitam a, racismo, sexismo, identidade, pertencimento cultural e suas respectivas representações. Em termos gerais, quando falamos em representação fazemos menção ao que Pesavento fala quando menciona a representatividade, pois a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. (Pesavento, 2012, p. 22).

As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais. (Pesavento, 2012, p. 22).

É por meio da representação, que alguns grupos impõem a sua visão de mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, isto é, a visão de sua identidade social. (Grecco, 2014, p. 43).

3 COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS FEMININAS A PARTIR DAS ESCRITAS NEGRAS

Compreendemos que as relações de gênero se constituem na história como um marcador preponderante das relações sociais entre homens e mulheres que culminam em sistemas de poder bem delineados, onde a mulher enquanto sujeito histórico se encontra em uma categoria secundária. (Santos, 2021, p. 2). Pensando nessa perspectiva categórica de gênero, no qual se fala no lugar do masculino e do feminino, o referencial feminino em sociedade passa por uma variedade de contextos, sendo ele estabelecidos dentro de estereótipos (igualdade, identidade de gênero, orientação sexual, distinção e direito).

Quando abordamos os questionamentos nas relações de gênero, assim como apontou a autora acima, estamos estabelecendo uma condição de supremacia masculina, em suma, branca. Analisando a condição da mulher socialmente, buscamos evidenciar conceitos e preconceitos estabelecidos ao gênero feminino em si, atrelados a imposição colocadas as mulheres negras dentro da sociedade.

Akotirene (2019), ressalta o fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora, é particularmente alienígena a muitas culturas africanas. Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, devido à incomensurabilidade das categorias e instituições sociais.

É por estar afastada da complexidade analítica do projeto descolonial que a interseccionalidade serve às tentativas salvacionistas do feminismo ocidental, porta voz moderna das mulheres oprimidas. (Akotirene, 2019, p. 54).

Em termos gerais, as feministas privilegiadas ³têm demonstrado dificuldade em se comunicar de maneira eficaz com os diversos grupos de mulheres, falar em nome deles ou entender suas perspectivas, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação. (Hooks, 2015, p. 207).

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. (Hooks, 2015, p. 207).

A interseccionalidade⁴ se manifesta de diversas maneiras, interligando as dimensões de gênero, raça e muitas vezes, classe social. Quando colocada, efetivamente em pauta, o conceito étnico racial da mulher negra, é impossível não o atrelar ao lugar social a qual ocupa, isso, dentro da carga histórica trazidas por essas mulheres ao longo dos anos. Considerando o lugar da mulher negra na história, isso quando postulada, as encontramos em diversas categorias; a mulher preta, a mulata, a mãe, a escrava, a “amante” (abusadas por seus senhores), o arquétipo da mulher negra encontra-se totalmente marginalizado e abusado, e em nenhum momento, no decorrer da historiografia, que contextualiza a escravidão, encontramos um contexto que caracterize a mulher negra de maneira contrária.

Assim como Santos (2021) fala, apesar desses entraves, as mulheres negras conseguiram se organizar dentro desses espaços criando seus próprios departamentos dentro dos movimentos. Isso demonstra que, mesmo em espaços pequenos e de difícil acesso, as mulheres negras estão empenhadas em conquistar um lugar de destaque. Embora os preconceitos que historicamente as afetaram ainda sejam perceptíveis, elas estão conquistando novos espaços, desafiando os estereótipos que lhes foram atribuídos.

Considerando as colocações de Soares e Jorge (2020), através da literatura, as escritoras negras provocam incômodo e desestabilizam a norma hegemônica, pois confrontam o poder e desmistificam o lugar da escrita e do escritor, revelando que a experiência negra pode sim ser transformada em discurso ficcional.

Desempenhando um papel fundamental nesse processo, pois, em algum momento da história, contribuiu para sistematizar e simplificar a experiência das mulheres negras. No entanto, atualmente, a literatura transforma suas dores e lutas em símbolos de coragem e determinação, inspirando-as a continuar lutando.

³ A branquitude como privilégio à luta das mulheres negras, pois enquanto mulher branca e pertencente a movimentos feministas foi possível identificar barreiras que dificultam a luta por igualdade de gênero e uma dessas barreiras é referente a adotar pautas das mulheres negras neste movimento, sem ocupar o lugar de protagonista, tornando invisível, pelo racismo, as discussões feitas pelas mulheres negras.

⁴ A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.

Desse modo, assim como pontua Silva (2021), os estereótipos literários imputados a mulher negra, como da mulata sensual e fogosa, da negra abnegada, submissa, da máquina de trabalhar, ou da negra raivosa; em uma sociedade patriarcal, sexista e racista, contribui para reforçar os lugares de exclusão social relacionados ao gênero e raça, fixando lugares sociais e raciais das mulheres brancas, índias, pardas e negras, segundo um projeto de nacionalidade hierarquizante e desigual.

Apresentado uma narrativa que reprime a personagem negra feminina, não só ao patriarcalismo, mas a uma representação desprovida de subjetividade, e da própria humanidade, marcada por traços de inferioridades, sexualidade exacerbada e negação de sua diversidade étnico-cultural, de sua ancestralidade. Por essa razão que, traçar conexões entre os temas de gênero e etnia-raça na literatura afro-brasileira feminina é fundamental para compreender a interseccionalidade presente nesse contexto literário. A influência e importância do discurso literário na interseccionalidade são notáveis, pois essa literatura oferece uma dinâmica para explorar as experiências complexas atribuídas às mulheres negras.

Além disso, a literatura afro-brasileira feminina carrega um importante compromisso no processo de conscientização e na criação de empatia em relação às experiências de pessoas que enfrentam múltiplas formas de opressão. As mulheres negras inseridas na escrita de obras literárias saem do viés de que somente os homens brancos da elite, além de se apropriarem quase que em cem por cento do espaço, ainda tomavam o lugar da fala que não era deles. Isso foi fundamental para discussão de conceitos e na reflexão do papel da mulher negra em diversos contextos e daqueles tidos como comuns e esperados pela sociedade. (Castro e Barros, 2021, p. 78).

A literatura negra é registrada por vivências e marcas de experiências da própria mulher negra no dia a dia, partindo de algo do seu âmago para se lançar aos outros, como o de retirar a visão estereotipada baseada em fixações preconceituosas ao dar voz àquelas que antes eram silenciadas, de dar voz aos negros marginalizados de periferia e aos que resistem à opressão do país que mais exterminam pessoas pretas. (Castro; Barros, 2021, p.78).

Podemos afirmar que a escrita de mulheres negras, por muito tempo, foi ignorada pela crítica e entendida como uma textualidade sem valor literário. As escritoras negras e seus textos pareciam estar duas vezes fora de lugar. Ao assumirem a posição de sujeitos da escrita, elas rompem com o determinismo instaurado por séculos que aponta para as mesmas exclusivamente o lugar de serviçais e de objetos. (Souza, 2017, p.4).

As literaturas produzidas por mulheres negras revelam uma riqueza notável nas narrativas que exploram. No contexto da literatura afro-brasileira, essas obras desempenham um papel fundamental ao oferecer representação das experiências das mulheres negras, que enfrentam desafios singulares devido à interseccionalidade de gênero e raça. Isso porque essas narrativas têm a capacidade de apresentar as complexidades das vidas dessas mulheres, fornecendo lugares para que elas deem voz às suas histórias e lutas. Ao mesmo tempo, a literatura não reflete apenas a diversidade de suas experiências, contribuindo também para uma compreensão mais profunda das questões interligadas de gênero e raça.

Além disso, as obras literárias de autoras negras desempenham um papel crítico na desconstrução de estereótipos arraigados. Elas utilizam a literatura como uma ferramenta poderosa para desafiar representações sugestivas e preconceituosas que moldaram a maneira como as mulheres negras foram percebidas ao longo

da história. Demonstrando diversas representações críticas em que as mulheres são visadas e descritas dentro das literaturas, Jarid Arraes, autora negra e objeto central deste estudo apresenta uma narrativa que contextualiza a mulher negra em seu cotidiano real, suas lutas, enfrentamentos e seu lugar de representatividade social.

Jarid Arraes é uma autora brasileira, negra, nordestina que escreve e descreve a mulher negra pelo viés literário. Nascida em Juazeiro do Norte, na região do Cariri do estado do Ceará. Cordelista, romancista e poeta, Jarid, coleciona diversos títulos de grandes renomes e prêmios. Autora do título "corpo desfeito" e do premiado "redemoinho em dia quente", que foi vencedor do prêmio biblioteca nacional, do APCA de literatura na categoria contos e finalista do prêmio jabuti, também é autora do livro de poemas "um buraco com meu nome", da coletânea "Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis" e de "as lendas de Dandara".

Desde muito cedo, Jarid, esteve nas manifestações culturais e tradicionais nordestinas, frequentando regularmente o Centro de Cultura Popular Mestre Noza, associação de artesãos que existe até hoje. No entanto, suas influências literárias ultrapassaram o âmbito da literatura de cordel. Leitora ávida de poetas renomados, buscou ativamente as obras de Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski, Manuel Bandeira e Ferreira Gullar como seus principais interesses. No entanto, à medida que foi crescendo, começou a perceber que o seu acesso às obras de escritoras era bastante limitado, o que serviu de catalisador para que se aprofundar na investigação e explorasse a vida e as contribuições de mulheres que deixaram a sua marca na história, não apenas como autores e poetas, mas também em diversas áreas do conhecimento. Esta exploração centrou-se particularmente nas realizações das mulheres de ascendência africana, que ela observou estarem ainda mais visivelmente ausentes dos currículos educativos e dos principais meios de comunicação social. O lugar feminino discutido por Jarid, detém poder e um lugar de discurso que permeiam dentre as mulheres, principalmente as mulheres negras, a autora como uma mulher negra e nordestina, reconhece em meio ao seu cotidiano a não acessibilidade ao discurso feminino negro, o que detém a notoriedade da relevância literária, cotidiana e social da representatividade e conhecimento do contexto feminino negro social e dentro da própria literatura no formato realista e vivo de ser.

Dentre essa inquietude, a autora começa a publicar seus escritos aos 20 anos de idade, no qual ganhou notoriedade em diversas colunas de jornais escrevendo sobre temas como: direitos humanos, racismo, movimentos de lutas LGBT, Jarid também esteve presente em blogs como blogueira feminista que atua dentro do movimento lutando pela voz da mulher negra.

Em Julho de 2015, Jarid Arraes, publicou As Lendas de Dandara, seu primeiro livro em prosa, que partiu da necessidade de resgatar a história de Dandara dos Palmares, contada como esposa de Zumbi dos Palmares, e tem a proposta de misturar lendas e fantasia com fatos históricos sobre a luta quilombola no período da escravidão no Brasil. Ainda no mesmo ano com tanta notoriedade através de sua escrita, em outubro de 2015, a autora criou um clube de leitura para mulheres que tinha como objetivo principal promover encontros regulares para inspirar mulheres que escrevem ou desejam embarcar em sua jornada de escrita. O Clube de Escrita Feminina é uma iniciativa gratuita que cresceu em 2017, desenvolvimento para um coletivo que conta agora com o envolvimento de outras sócias e autoras.

Ainda em 2017, Jarid lançou o livro "Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis", que veio a se transformar em espetáculo musical no mesmo ano. Dois anos após, Jarid, lança em junho (2019), seu primeiro livro de contos "redemoinho em dia quente". Obra esta que será analisada neste trabalho. O livro de contos "Redemoi-

inho em dia quente" é uma obra vencedora do prêmio biblioteca nacional, do APCA de literatura na categoria contos e finalista do prêmio Jabuti. A obra descreve figuras femininas que não se encaixam dentro dos padrões sociais, misturando assim um contexto de realismo agregado às críticas sociais. Com o poder de colocar o conceito público e privado da vida da mulher por trás de uma sociedade machista, captura de maneira autêntica a essência das mulheres do Cariri, tornando seus personagens figuras reais que refletem com profundidade a experiência de ser mulher.

O livro é composto por trinta contos, em que as protagonistas são invariavelmente mulheres, representando uma diversidade que abarca diferentes origens, minorias, idades, estados mentais e níveis socioeconômicos. Essas narrativas se desenrolam invariavelmente em Juazeiro do Norte, cidade natal da autora. Entre as diversas narrativas, algumas são marcadas por tristeza, outras são impregnadas de humor irreverente, enquanto a maioria instiga reflexões profundas. O denominador comum entre todos eles é a capacidade de transcender as barreiras do regionalismo para explorar as pequenas e grandes vicissitudes que permeiam o cotidiano de todos.

As narrativas que cada conto entrega mostra um contexto social elencado a mulheres, traduzindo uma realidade incisiva de muitas mulheres brasileiras, principalmente em seu contexto social e econômico. A obra representa a dialética que o trabalho se propõe a trazer, o lugar da mulher negra, dentro da literatura, da literatura escrita por mulheres negras, como essa figura é retratada e composta em seu real, em suas dificuldades cotidianas como mulher, mãe, filha, avó, a mulher que trabalha, que é humilhada, a moça que não se vê, não se enxerga em seu lugar de origem, a mulher que é fruto do preconceito e que leva sua realidade ao caminho do que a sociedade a oferece.

A importância do contexto que o livro descreve remete a construção do conhecimento, mas também a representatividade dessas mulheres, do cotidiano da vida aos lugares de poder, e a construção de uma nova educação que enxerga de forma diferente as transformações necessárias para construir uma nova realidade humana e social.

4 ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DAS NARRATIVAS NEGRAS FEMININA

Vinculamos a discussão deste tópico à educação e ao ensino de história por meio das narrativas negras presentes na obra "Redemoinho em Dia Quente". Abordaremos o contexto escolar, o sistema educacional e o ensino de história, utilizando o conto "Sacola", como veículo para explorar as subjetividades envolvidas no tratamento de diversos conceitos históricos presentes na narrativa de Jarid Arraes.

O ensino de História se destaca por mudanças marcantes em sua trajetória escolar que a caracterizavam, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realização de "grandes homens" para uma "nova" disciplina constituída sob paradigmas metodológicos que buscam incorporar a multiplicidade de sujeitos construtores da nação brasileira e da história mundial.

Bittencourt, 2018, p. 127...

[...] As recentes transformações da História têm sido constatadas por pesquisas recentes, e enfrentam constantes desafios para se efetivarem, como a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira, da história dos povos indígenas ou das mulheres. (Bittencourt, 2018, p. 127).

A mudança no paradigma historiográfico, que indica uma maior sensibilidade para abordagens mais inclusivas e diversificadas pode refletir como um esforço para romper com narrativas tradicionais que muitas vezes negligenciaram as perspectivas. O que indica que a implementação dessas transformações não é uma tarefa fácil. Pode envolver resistência institucional, resistência cultural ou outros obstáculos que dificultam a incorporação efetiva dessas perspectivas mais amplas na narrativa histórica.

A escola que temos hoje nasceu com a hierarquização e a desigualdade econômica gerada por aqueles que se apoderaram do excedente produzido pela comunidade primitiva. A história da educação, desde então, constitui-se num prolongamento da história das desigualdades econômicas. (Gadotti, 2003, p.23).

Assim como afirma Libâneo (2013), a desigualdade entre os homens, que na origem é uma desigualdade econômica no seio das relações entre as classes sociais, determina não apenas as condições materiais de vida e de trabalho dos indivíduos, mas também a diferenciação no acesso à cultura espiritual, à educação. Com efeito, a classe social dominante detém os meios de produção material como também os meios de produção cultural e da sua difusão, tendendo a colocá-la a serviço dos seus interesses.

O sistema educativo, incluindo as escolas, as igrejas, as agências de formação profissional, os meios de comunicação de massa, é um meio privilegiado para o repasse da ideologia dominante. (LIBÂNEO, 2013, p. 18).

Essas instituições ao desempenharem papéis essenciais na formação e socialização das pessoas, têm o poder de transmitir e perpetuar as ideias que são consideradas normativas e aceitas pela sociedade. Isso destaca a importância de uma análise crítica do sistema educativo e de outras instituições mencionadas para compreender como a ideologia é transmitida e mantida ao longo do tempo.

Justamente por este parâmetro ideológico, institucional e social que as discussões são necessárias para entender a formação escolar atual. Dentro do ensino de história nos deparamos com uma complexidade para se trabalhar as ideologias, isso porque a interpretação de eventos históricos pode variar dependendo da perspectiva ideológica do educador ou do material didático. Diferentes interpretações podem levar a narrativas históricas distintas, influenciando a compreensão dos estudantes sobre o passado, e o próprio presente influenciando nas decisões sobre quais perspectivas são incluídas ou excluídas no currículo de história. Isso é particularmente relevante no que diz respeito à inclusão de vozes marginalizadas, como a história de mulheres, mulheres negras, minorias étnicas, LGBTQ+ e povos indígenas.

Deste modo, é fundamental reconhecer e abordar essas influências para promover uma educação histórica mais equitativa, inclusiva e informada. O ensino crítico e a busca por uma representação diversificada de perspectivas históricas, são essenciais para alcançar esse objetivo. Falando por esse viés, a escrita negra feminina está presente como ponto central da pesquisa, com o intuito não somente da compreensão do que se é colocado quando falamos sobre minorias e conceito de representatividade, mas com o objetivo de diversificar a modalidade de ensino interdisciplinar no conteúdo de história.

Fazendo uso do conto Sacola, presente na obra Redemoinho em dia quente, de Jarid Arraes, podemos evidenciar um contexto peculiar e tirar de sua narrativa diversos conceitos de se trabalhar a mulher, o gênero, religiosidade, patrimônio, cultura e identidade.

Uso como exemplo, neste momento, o conto da obra: Sacola, é um conto que nos apresenta uma mulher idosa, religiosamente devota da igreja católica e que entre os percalços da vida consegue experimentá-la de uma maneira nunca feita durante sua juventude. Em um primeiro momento já podemos identificar a senhora em questão como uma mulher solitária, que provavelmente optou por não se casar e ter filhos. Em um trecho do texto ela apresenta justamente isso – minha família não compreende a minha decisão de morar sozinha e viver com a solidão.

Pai-nosso, ave-maria, credo e cruz. Obrigada, Padre, por mais um dia. (ARRAES, 2019. P. 7)

É neste momento que a resposta à especulação aparece, ela como uma devota de Padre Cícero, religiosa fervorosa decidiu dedicar a sua vida a Deus, como demonstra no decorrer da história. Faz suas caridades, ajuda no que pode para passar o tempo e se sentir útil. Ajuda a igreja, financeiramente falando, pela narrativa se distingue que é aposentada. Dedica sua vida e a sua solidão a Deus, as pessoas as quais ela pode ajudar em torno da fé, aos seus gatos e seus papagaios.

É uma senhora simpática, ao que pudemos constatar sem muitas amizades, não tão próxima de sua família e que prefere se resguardar. A cidade é pacata, rodeada pelos antigos costumes – o que permaneceu no decorrer dos anos pelas famílias. Um interior, pequeno, rodeado de preceitos (antigos) na qual a religião predomina no seio familiar, mas que embaraça com os novos modelos de sociedade, a tecnologia que chega, a juventude que permeia com uma nova construção de identidade.

“...De manhã, à tarde e duas vezes à noite, ocupava os lábios com as repetições realizadas, ajoelhadas e ofertadas na caixinha de madeira do altar. Caminhava até o padre, agradecia pela missa, ajudava o sacristão, parabenizou o rapazinho do violão, sorria para a mocinha que cantava não saber se a igreja havia subido ou se o céu é que decidirá descer, cumprimentava outras senhoras, outras velhinhas usando seus coques grisalhos, e voltava para ouvir seus papagaios no quintal, enquanto despejava mais um pouco de ração para os gatos.” (Arraes, 2019. p. 7).

Podemos distinguir dentro de todo o contexto que a idosa em questão foi uma daquelas mulheres que viveu a vida dentro dos preceitos religiosos e que enxerga a vida e a conduta da mulher dentro desse ciclo. Ela vive esse preceito e acredita fervorosamente em suas convicções religiosas, suas condutas condizem por meio do consentimento, que seria a aprovação divina. Deus aprovaria esse ato e contraposto estarei garantindo meu lugar no céu, isso explica a sua rotina de orações, a dedicação aos seus animais de estimação, também a sua ajuda a toda comunidade cristã. Não é somente por sentir necessidade de fazer e sim pelo que acredita dentro dos preceitos religiosos aos quais ela foi criada.

Identifica-se que a vida daquela mulher não foi fácil, ela optou pela solidão ao ter um casamento e uma legião de filhos, isso deve explicar as especulações da família e a sua não proximidade com os mesmos. Possivelmente foi privada da vida, levou-se uma vida de trabalhos do lar – tendo em vista que é uma mulher organiza-

da e que mantém sua casa impecável – viveu naquele mesmo lugar a vida inteira, conhece muito pouco do mundo lá fora, o que se sabe é através dos meios de comunicação e do próprio disse me disse que é característico da cidade pequena.

Dona Francisca, em uma fração de segundos, se depara com uma cena peculiar que não costuma acontecer, mas que pode mudar seu cotidiano em questão de segundos. Ela se depara com a juventude e suas curiosidades. Um jovem, no momento propício dá a dona Francisca a oportunidade de experimentar o novo, algo que possivelmente nunca experimentou ou viveu na vida. A senhora agora encontra-se com dúvidas pairando em sua cabeça, medo, tensão e um sentimento de curiosidade que toma conta de si, qual seria a proporção daquela conduta? Que mal teria de experimentar aquela substância que foi deixada por um jovem rapaz em seus pés, praticamente? As perguntas pairavam pela cabeça de dona Francisca e ela decide arriscar a viver algo novo, nunca visto e vivido, levado pela sua devoção e colocando aquele ato, como um ato de fé, que se justificaria pela sua crença e que seria perdoado pela mesma, caso aquilo chegasse a ser julgado como errado.

Neste momento, dona Francisca, experimenta uma vida diferente ao auge da sua terceira idade, conhecendo sensações jamais sentidas durante toda sua vida, mas tudo isso em volta de sua fé, pois o que a senhora presenciou nos delírios da substância em seu corpo era tudo aquilo que ela carregava durante toda a sua trajetória de vida, a sua crença, a sua devoção, ao seu Padim Cícero.

O conto em si, traz um contexto de vivência e do feminino, dos percalços da vida da mulher que vivera a sua vida inteira no interior, com seu propósito de vida, que não diferencia quando se fala sobre a figura feminina, o tratamento o lugar social que a mulher negra se encontra dentro dessa conjuntura, o seu lugar na sociedade e principalmente o preconceito enraizado dentro da tranquila e pacata vida de interior.

Podemos associar o conto logo à história local, quando falamos sobre os fatos, as memórias do lugar e o cotidiano da cidade de interior. Mas assim também podemos discutir outros preceitos, que serão também a memória como um todo, a várias faces familiares, um contexto religioso e os preceitos vividos ainda nos dias atuais em cidades do interior, a figura feminina e seu lugar social dentro do contexto pacato das pequenas cidades.

Ao analisarmos a evolução da narrativa, percebemos a manifestação de diversos contextos sociais em uma única história, que se origina do cotidiano, da vida e do contexto social específico em que aquela mulher viveu e continuará vivendo ao longo de sua existência.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, aprofundamos a compreensão das diversas dificuldades e da importância da agenda feminina negra, especialmente quando narrada por uma mulher negra no cotidiano. Durante a revisão bibliográfica, o contexto social do dia a dia de cada mulher descrito nos contos de Jarid, trouxe à tona questões ainda não resolvidas. A relevância da temática a ser discutida, principalmente no ambiente escolar, evidencia as lacunas que encontramos ao ensinar.

A autora expressa sua inquietação ao perceber que pouco se aborda sobre mulheres negras, levando muitos alunos a desconhecem escritoras negras ou a reconhecerem o cotidiano da mulher de maneira limitada, muitas vezes reduzida a

estereótipos como escrava, mãe, dona de casa ou empregada doméstica. Ressalvando a necessidade de enfrentarmos ativamente as lacunas identificadas no ensino de história, especialmente no que diz respeito à representação das mulheres negras. Ao explorarmos as narrativas de Jarid Arraes, que captam o cotidiano dessas mulheres, percebemos a urgência de preencher essas brechas de conhecimento.

Por fim, destaco que este trabalho não apenas foi realizado com profundo envolvimento e importância, mas também revelou as deficiências e a invisibilidade no ensino de história, especialmente no contexto do ensino básico e nos conteúdos apresentados aos alunos. A inquietude de explorar as escritas negras no âmbito literário, visa não só preencher essas lacunas, mas também promover uma representação mais rica e abrangente da história e da experiência das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro) -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2019.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Reflexões sobre o ensino de História**. Estudos Avançados, 2018.

CAETANO, Ivone Ferreira. O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. Escola da Magistratura do estado do Rio de Janeiro EMERJ. Rio de Janeiro, 2017.

CASTRO, Júnior César Ferreira de. BARROS, Mariana Silva Costa. AS SENTINELAS DO FEMINISMO E DA AUTORIA NEGRA: A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA. **Revista Científica Novas Configurações e Diálogos Plurais**, Luziânia, v. 2, n. 3, p. 69– 90, 2021.

COLLINS, Patricia Hil **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

D'ADESKY, Noêmia Duque. **Primavera Literária Afro-brasileira Doapaga men toà reinvenção, a produção escrita de mulheres negras e sua inserção no mercado editorial**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. Editora Ática, 8º ed. 2003.

GRECCO, Gabriella de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Vol. 6 Nº 11, julho de 2014.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LIBÂNEO, J.C. Didática. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **REVISTA CAFÉ COM SOCIOLOGIA**. Vol.4, Nº1. jan. - abr. 2015. 26

MEZZOMO, Rafaela. **A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO**. Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. - Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019, P. 38.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Manual (pós-graduação) – Universidade Federal de Goiás, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural. História ... REFLEXÃO**, 3º Ed. Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cultura e representações, uma trajetória**. Anos 90. Porto Alegre, v. (3. n. 23/24, p.45-88, jan/dez. 2006.

PIANA, M.C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PINHO, Fabiana. **“Eu leio, eu escrevo a cidade”:** narrativas negro-femininas de **descolonização da matriz colonial**. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

SANTOS, T. R. **Mulheres negras: Ecos na historiografia**. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 2178- 3748.

SILVA, Débora Jean Lopes. **MULHERES NA LITERATURA: Escritas de autoria feminina negra**. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Cuiabá, 2021.

SOUZA, F. da S. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, (20), 19-39, 2017.

SOARES, Cecília Moreira. JORGE, Gracia Lorena da Silva. **MULHER NEGRA NA LITERATURA: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E RESISTÊNCIA: BLACK WOMEN IN LITERATURE: THE WORD AS AN INSTRUMENT OF STRUGGLE AND RESISTANCE**. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2020.

AGRADECIMENTOS

A minha pessoa por não ter se permitido desistir diante dos obstáculos, e está aqui hoje concluindo sua pesquisa. Ao Deus o qual acredito e cultuo por ser a minha fortaleza em momentos sombrios e de alegrias. Aos meus pais por me darem a vida e sempre apoiarem as minhas decisões sem questionamentos.

A minha orientadora e amiga Patrícia Cristina de Aragão, por sempre acreditar e enxergar o meu potencial quando nem eu mesma conseguia visualizar, por me abrir portas e confiar tanto em meu trabalho durante esses cinco anos de caminhada acadêmica.

Ao professor Matusalém Alves Oliveira, por ter sido aquele que me deu a primeira oportunidade dentro do curso, e que enxerga em mim o potencial e a confiança para trabalhar ao seu lado e do seu bem mais precioso que é a sua família, a qual tenho um enorme carinho e gratidão.

Aos meus amigos que estiveram comigo durante toda a caminhada. Liandra, por esses 14 anos de amizade e cumplicidade. Ewerton por ser o meu parceiro de trabalho, projetos e de vida acadêmica. Ana Vitória, José Yan, Jean Felix e Ewerton por dividirem comigo o caminho difícil da residência pedagógica e ainda estarem junto a mim, Tamiris, Glauber e José Ítalo, por chegarem em minha vida em um dos momentos mais difíceis do curso e segurarem a barra junto comigo, aos meus colegas que compartilharam comigo o trajeto da universidade para casa.

Aos meus novos colegas de trabalho, que me ajudam e acompanham a minha reta final do curso e a todos aqueles que de uma certa forma torcem e vibram com as minhas conquistas e me proporcionaram alguma experiência de vida e profissional, o meu voto de gratidão.